

Por trás da euforia, a incerteza

Economia - Brasil

ALAN RIDING
DO N. Y. TIMES

RIO DE JANEIRO — Sem resolver a crise da dívida externa que afetou sua economia, o Brasil repentinamente emergiu da pior recessão dos últimos tempos, registrando um crescimento de 7,4% no ano passado, na sua melhor "performance" desde 1976.

Com a maior parte do crescimento ocorrendo na segunda metade do ano, a velocidade da recuperação pegou de surpresa até mesmo o governo, enquanto os produtores e os consumidores se apressaram para recuperar o tempo perdido desde que a recessão começou há cinco anos.

Indústrias que estavam trabalhando com 70% de sua capacidade estão agora produzindo a todo vapor e ajudaram na criação de 1,5 milhão de novos empregos nos últimos 12 meses. Por outro lado, a recuperação do poder aquisitivo da classe média se refletiu numa onda de compras de fim de ano que deixou muitas lojas praticamente sem estoques na véspera do Natal.

O novo governo civil chefiado pelo presidente José Sarney está satisfeito, acreditando que a decisão de ignorar as exigências de austeridade do Fundo Monetário Internacional

foi totalmente compensada pela retomada do crescimento econômico do País.

No entanto, paradoxalmente, por trás da euforia dos últimos meses, ainda existe, entre alguns funcionários governamentais, uma sensação contínua de incerteza em relação ao futuro econômico do Brasil. A mesma incerteza é demonstrada por muitos banqueiros e empresários. Eles temem que, neste boom, os ingredientes para uma explosão já possam estar visíveis.

A nuvem mais sombria continua sendo a inflação, que atingiu um nível recordista de 233,7% no ano passado. O governo argumentou que esse nível foi apenas ligeiramente superior aos de 1983 e 1984, com a grande diferença de ter sido acompanhado por um crescimento. As autoridades também indicam as recentes reformas fiscais e os cortes orçamentários como evidência de sua determinação em reduzir a inflação para 160% este ano, mesmo que isso resulte num crescimento mais lento.

Mas, com os preços aumentando 13,4% no mês passado e devendo elevar-se a mais de 15% este mês, muitos economistas já estão prevendo um índice dramaticamente mais alto para a inflação em 1986. "Obviamente, existem muitas variáveis, mas es-

tamos começando a ouvir previsões de 300% ou até de 500%", disse um desses economistas. E acrescentou: "Ninguém pode conviver com uma inflação destas".

REESTRUTURAÇÃO

Apesar de um superávit comercial de US 12,4 bilhões no ano passado, que permitiu ao Brasil continuar em dia com os pagamentos dos juros referentes à sua dívida externa de US\$ 104 bilhões (a maior de todo o mundo), o governo Sarney ainda não concluiu a sua longamente esperada reestruturação da dívida junto aos credores comerciais.

Embora o prazo para a renovação de cerca de US\$ 16 bilhões em créditos comerciais e interbancários, termine no próximo dia 17, as autoridades brasileiras e os representantes do comitê de assessoramento da dívida, formado por representantes de 14 bancos, obtiveram pouco progresso nas recentes negociações, caracterizadas, segundo fontes de ambos os lados, por manifestações de irascibilidade e de desconfiança.

Ao mesmo tempo em que se recusa a aceitar a tutela do FMI o Brasil tenta a reprogramação de dívidas principais vencíveis em 1985 e 1986 sob condições similares à dos países que aceitaram os programas de "adaptação" do Fundo.